

**A TEORIA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE HENRI LEFEBVRE: EM DIREÇÃO A
UMA DIALÉTICA TRIDIMENSIONAL**

Christian Schmid

Tradutores: Marta Inez Medeiros Marques*; Marcelo Barreto

Resumo: Esse artigo trata da teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre com o objetivo de explicar os seus fundamentos e assim contribuir para a superação de confusões que têm ocorrido com frequência na apropriação e interpretação de sua obra. Schmid analisa e reconstrói a teoria de Lefebvre, identificando os elementos que constituem a sua estrutura básica bem como os fundamentos de sua epistemologia. Para ele, é preciso considerar três aspectos cruciais até então negligenciados para compreender a teoria de Lefebvre: (1) sua versão triádica da dialética, desenvolvida com base em Hegel, Marx e Nietzsche; (2) sua teoria da linguagem baseada em Nietzsche; e (3) a influência da fenomenologia francesa em seu pensamento.

Palavras-chave: produção do espaço, teoria, Henri Lefebvre, dialética tridimensional, fenomenologia.

**THEORY PRODUCTION OF SPACE BY HENRI LEFEBVRE: TOWARD A THREE-
DIMENSIONAL DIALECTIC**

Abstract: This article examines Henri Lefebvre's theory of production of space in order to explain its fundamentals, and thus contribute to overcome the misunderstandings frequently occurred in the appropriation and interpretation of his work. Schmid analyzes and reconstructs the theory of Lefebvre, identifying the elements that constitute its basic structure as well as the fundamentals of its epistemology. For him, it is necessary to consider three crucial aspects hitherto neglected to understand Lefebvre's theory: (1) his triadic dialectic version, developed on the basis of Hegel, Marx and Nietzsche; (2) his theory of language based on Nietzsche; and (3) the influence of French phenomenology in his thinking.

Key Words: production of space, theory, Henri Lefebvre, three-dimensional dialectic, phenomenology.

Introdução

A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre vem passando por um considerável ressurgimento nos últimos anos. Isso é ainda mais surpreendente porque ela provocou muito pouca reação na época do seu lançamento no início dos anos 1970. Embora os textos de Lefebvre sobre o marxismo, a vida cotidiana, e a cidade tenham sido amplamente lidos nessa época, suas reflexões sobre o

espaço despertaram pouco interesse. A problemática sobre o espaço não figurava até então na agenda teórica. Porém, hoje, o livro *A Produção do Espaço* é regularmente citado. A "virada espacial" tem tomado as ciências sociais e as questões sobre o espaço têm recebido grande atenção, estendendo-se para além da Geografia. Na essência, isto está ligado aos processos combinados de

*Professora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Mestre e Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e especialista em Desenvolvimento Rural pela Universidade de Paris I. Email: mimmar@usp.br

urbanização e globalização: novas geografias se desenvolveram em todas as escalas. Essas novas configurações espaço-temporais que determinam o nosso mundo clamam por novos conceitos de espaço correspondentes às condições sociais contemporâneas.

A teoria da produção do espaço de Lefebvre parece ser altamente atraente neste contexto. Sua significância reside especialmente no fato de que ela integra sistematicamente as categorias de *cidade* e *espaço* em uma única e abrangente teoria social, permitindo a compreensão e a análise dos processos espaciais em diferentes níveis. E mais, a ampla recepção da teoria de Lefebvre de modo algum fez uso dessas categorias em sua totalidade. Acima de tudo, sua reformulação e monopolização pós-modernas tem contribuído para uma grande confusão. Isto requer uma reconstrução da teoria da produção do espaço que particularmente incluísse também o contexto. O que segue visa esclarecer os elementos que formam sua estrutura básica e explicitar os fundamentos da epistemologia de Lefebvre, baseado numa ampla análise e reconstrução de sua teoria da produção do espaço (SCHMID, 2005).

A análise mostra que, acima de tudo, três aspectos negligenciados até o presente momento são cruciais para a compreensão da teoria de Lefebvre. Primeiro, um conceito específico de dialética que pode ser considerado como sua contribuição original. No decurso de sua extensa obra, Lefebvre desenvolveu uma versão da dialética que foi, em todos os sentidos, original e independente. Ela não é binária, mas triádica, baseada no trio Hegel, Marx e Nietzsche. Isso não

tem sido apreendido corretamente até o momento e tem levado a consideráveis mal-entendidos. O segundo fator determinante é a teoria da linguagem. O fato de que Lefebvre desenvolveu uma teoria própria da linguagem (LEFEBVRE, 1966) baseada em Nietzsche foi muito raramente considerado na recepção e interpretação de seus trabalhos, não obstante a virada linguística. Foi aqui que ele também, pela primeira vez, realizou e aplicou sua dialética triádica concretamente. O terceiro elemento crucial é a fenomenologia francesa. Enquanto que a influência de Heidegger nos trabalhos de Lefebvre já foi discutida detalhadamente (veja os trabalhos de Elden e Waite), a contribuição dos fenomenólogos franceses Maurice Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, na maioria das vezes, não recebeu a devida consideração. Esses três aspectos negligenciados poderiam contribuir decisivamente para um melhor entendimento dos trabalhos de Lefebvre e para uma apreciação mais completa de sua importante e inovadora teoria da produção do espaço.

UMA CONCEPÇÃO RELACIONAL DE ESPAÇO E TEMPO

O conceito de produção de espaço era ainda incomum na época em que Lefebvre desenvolveu sua teoria. Hoje, esta afirmação quase parece uma fórmula vazia. Ela tem sido citada com tanta frequência que seu significado tem se desgastado, não sendo mais possível reconhecê-lo. Porém, esta formulação e suas implicações deveriam ser levadas a sério uma vez que elas indicam uma

mudança paradigmática no conceito sociológico de espaço e tempo.

Espaço (social) é um produto (social). Para entender esta tese fundamental, é necessário, antes de tudo, romper com a concepção generalizada de espaço, imaginado como uma realidade material independente, que existe em “si mesma”. Contra tal visão, Lefebvre, utilizando-se do conceito de *produção do espaço*, propõe uma teoria que entende o espaço como fundamentalmente atado à realidade social - do que se conclui que o espaço “em si mesmo” jamais pode servir como um ponto de partida epistemológico. O espaço não existe em “si mesmo”. Ele é produzido.

Mas, de que forma se abarca esse espaço social? Como na maioria das teorias contemporâneas sobre o espaçoⁱ, Lefebvre avança a partir de um conceito relacional de espaço e tempo. O *espaço* representa simultaneidade, a ordem sincrônica da realidade social. *Tempo*, por outro lado, denota a ordem diacrônica e, assim, o processo histórico da produção social. *Sociedade* aqui não significa nem uma totalidade espaço-temporal de “corpos” ou “matéria”, nem uma soma total de ações e práticas. São centrais para a teoria materialista de Lefebvre, os seres humanos em sua corporeidade e sensualidade, sua sensibilidade e imaginação, seus pensamentos e suas ideologias; seres humanos que entram em relações entre si por meio de suas atividades e práticas.

Lefebvre constroi sua teoria da produção do espaço social e do tempo social a partir dessas suposições. De acordo com essa perspectiva, espaço e tempo não são puramente fatores materiais. Nem podem ser reduzidos ao

status de puros, conceitos *a priori*. Eles são entendidos como sendo aspectos integrais da prática social. Lefebvre os vê como produtos sociais, consequentemente eles são ambos, resultado e pré-condição da produção da sociedade.

Por conseguinte, espaço e tempo não existem de forma universal. Como eles são produzidos socialmente, só podem ser compreendidos no contexto de uma sociedade específica. Dessa forma, espaço e tempo não são apenas relacionais mas fundamentalmente históricos. Isso demanda uma análise capaz de considerar as constelações sociais, relações de poder e conflitos relevantes em cada situação.

Como o espaço (social) é produzido? A chave para a teoria de Lefebvre é a compreensão de que a produção do espaço pode ser dividida em três dimensões ou processos dialeticamente interconectados. Lefebvre também os chama de *formantes*ⁱⁱ ou momentos da produção do espaço. Eles são duplamente determinados e da mesma forma duplamente designados. Por um lado, eles se referem à tríade da “prática espacial”, “representações do espaço” e “espaços de representação”. Por outro lado, eles se referem ao espaço “percebido”, “concebido” e “vivido”. Esta série paralela aponta para uma abordagem dupla do espaço: uma fenomenológica e outra lingüística ou semiótica.

Na obra de Lefebvre, entretanto, essas três dimensões existem em um estado de incerteza. Fiel às suas premissas epistemológicas, Lefebvre as introduz primeiramente como aproximações. Ele explora seus intervalos de validade e as modifica ao longo de suas

incurções teóricas. Seguiu-se então, na recepção da teoria, uma confusão quase total de opiniões sobre essas três dimensões. A discussão abrange todos os aspectos das três dimensões: seu status, sua construção interna e suas interconexões. Meras referências a passagens de seus textos para definir essas dimensões, porém, são insuficientes. O significado das três dimensões se torna claro somente no contexto geral da teoria e pode ser reconstruído somente a partir de toda a obra de Lefebvre. Para entendê-las, há de se começar pela dialética.

PENSAMENTO DIALÉTICO

O que significa o pensamento dialético? Primeiramente, significa o reconhecimento de que a realidade social é marcada por contradições e que somente pode ser entendida por meio da compreensão dessas contradições.

No âmago da dialética, encontra-se um conceito cujo significado mais profundo aparece somente na língua alemã: *das Aufheben des Widerspruchs* (suprassunção da contradição)ⁱⁱⁱ. *Aufheben* significa: por um lado, negação e superação; por outro lado, preservação e colocação em um nível superior. Essa ambigüidade é completamente perdida na maioria das traduções: por exemplo, no Francês (*dépasser*) ou no Inglês (*transcend* ou *sublate*).

Sobre o conceito de *Aufheben*, Lefebvre escreve: “É óbvio que este conceito não tem aquela simplicidade, clareza e sofisticação que o pensamento cartesiano nos leva a procurar nos conceitos. O que nós encontramos na origem desse conceito essencial? Um jogo

de palavras e um trocadilho que não se traduz, nada formal, e talvez também nada que possa ser formalizado em um discurso perfeitamente coerente” (LEFEBVRE, 2000, p. 40).

Hegel utilizou o conceito de *Aufheben* precisamente tendo em conta sua deslumbrante polissemia:

“Suprassumir” possui dois sentidos na língua: por um lado, significa preservar, manter, por outro, também significa cessar, levar ao fim. Mesmo “preservar” inclui um elemento negativo, ou seja, que algo é removido de sua imediaticidade e assim de uma existência que é aberta às influências externas, para ser preservado. Desta forma, o que é “suprassumido” é ao mesmo tempo preservado; apenas perde sua imediaticidade, mas não é por isso aniquilado. As duas definições de “suprassumir” que nós apresentamos, podem ser referidas como dois *significados* de dicionário para esta palavra. Mas é certamente notável que uma língua venha utilizar uma mesma palavra para dois sentidos opostos. É um deleite para o pensamento especulativo encontrar na língua palavras que trazem nelas mesmas uma acepção especulativa; a língua alemã possui várias delas... Algo é “suprassumido” apenas na medida em que entra em unidade com o seu oposto; neste sentido mais particular como algo refletido, pode ser apropriadamente chamado de *momento* (HEGEL, 1969, p. 107).

Em oposição à lógica formal ou bivalente, na dialética nenhuma construção de relações inequívocas e regras de associação lógica da verdade ou falsidade das proposições é possível. Onde a lógica formal diz “nenhuma proposição é simultaneamente verdadeira e falsa”, o especialista em dialética Lefebvre sustenta:

Se nós considerarmos o conteúdo, se existe um conteúdo, uma proposição isolada não é nem verdadeira, nem falsa; toda proposição isolada deve ser transcendida; toda proposição com um conteúdo real é ambos verdadeira e falsa, verdadeira se é transcendida, falsa se é declarada como absoluta (LEFEBVRE, 1968, p.42).

Esta citação é a chave para a famosa figura de retórica de Lefebvre na qual ele responde às suas próprias questões com “sim” e “não”.

Na opinião de Lefebvre, uma contradição, quando suprassumida, não alcança o seu verdadeiro estado ou destino final, mas sua transformação – é superada, mas ao mesmo tempo também preservada e adicionalmente desenvolvida, de acordo com essa dupla determinação (LEFEBVRE, 2000, p. 40). Assim, suprassunção neste sentido radical não significa de forma alguma alcançar uma verdade superior ou definitiva. A contradição tende à sua solução, ainda que a solução não negue simplesmente a velha contradição mas também simultaneamente a preserve e a conduza a um nível mais elevado. Portanto, a solução carrega nela o germe de uma nova contradição. Esta compreensão da dialética é caracterizada por uma interpretação dinâmica e profundamente histórica do desenvolvimento e da história. Lefebvre destaca: “Movimento é, por conseguinte transcendência” (LEFEBVRE, 1968, p. 36). Isto poderia também ser lido em seu reverso: transcendência (suprassunção) significa movimento (histórico).

Mas Lefebvre não para por aí. Lendo de forma materialista, o conceito de suprassunção denota um ato (ação), uma

atividade criativa não tanto *real*, mas uma *realização*: um devir. Entre as duas determinações, a negação e a conservação, se encontra, de acordo com Lefebvre, o indefinido, a abertura: a possibilidade de realizar, por meio de uma ação, o projeto. A razão lógica e analítica e o discurso coerente e estritamente formal não podem capturar o devir, o movimento da suprassunção no ato criativo.

Nós gostaríamos de dizer que o ‘conceito’ de suprassunção aponta para aquilo que, na atividade viva (produtiva, criativa), não pode ser alcançado por meio do conceito em si mesmo. Por que não? Porque essa força criativa não pode ter uma completa definição, não pode ser determinada exhaustivamente (LEFEBVRE, *op. cit.*).

Na suprassunção há sempre um risco, um possível fracasso e, ao mesmo tempo, uma possibilidade - uma promessa (LEFEBVRE, *op. cit.*).

Estas passagens demonstram claramente que a dialética de Lefebvre possui fontes extremamente diferentes. Esses trechos expressam não somente o pensamento de Hegel e de Marx, mas - sobretudo - de Nietzsche.

A DIALÉTICA ALEMÃ: HEGEL, MARX E NIETZSCHE

No curso de seu longo esforço criativo, Lefebvre desenvolveu uma versão altamente original da dialética baseada em seu continuado engajamento crítico com Hegel, Marx e Nietzsche; três pensadores alemães que foram, de longe, os que mais influenciaram a configuração de sua teoria.

Não é possível apresentar aqui uma exposição, mesmo que parcialmente “válida”, da dialética de Lefebvre, mais ainda, uma vez que ele modificou sua posição repetidas vezes, enriquecendo-a com novas facetas. Sua familiaridade com a dialética se reporta ao período em que ele era um jovem estudante de filosofia. Os elementos essenciais das dialéticas iniciais de Lefebvre já são especificados em *La Conscience Mystifiée. O Marxismo Dialético* apresenta uma discussão mais ampla da dialética de Hegel e a sua crítica feita por Marx. Finalmente, uma formulação detalhada e extremamente sofisticada é encontrada em *Lógica Formal, Lógica Dialética*, projetada como o primeiro volume e introdução de uma série amplamente ambiciosa de oito volumes sobre o materialismo dialético. O próximo estágio importante é *Métaphilosophie*. Nela, Lefebvre desenvolve uma crítica radical da filosofia focada em Nietzsche, articulando ao mesmo tempo uma nova dialética triádica. A mais importante realização e aplicação dessa dialética encontra sua expressão em *A Produção do Espaço*. Porém, ela só é desenvolvida completamente em estudos posteriores, particularmente em *o Retour de la Dialectique*^{iv}.

Seguindo a dialética hegeliana, a dialética de Lefebvre começa no nível do *conceito*: a identidade de um termo somente pode ser compreendida em relação a outros termos e assim em relação à sua própria negação. Assumir a existência de um objeto, então, também significa sempre assumir a existência de seu oposto. Um terceiro termo emerge de modo que, ambos, nega e incorpora os outros dois. A postulação de um termo, desta forma, inicia um auto-movimento do

termo que pode ser resumido na figura bem conhecida: afirmação, negação e negação da negação. O primeiro termo postulado, a afirmação, também contém nele mesmo sua negação que o nega e ao mesmo tempo o completa. Baseado em sua conexão interior, os dois termos exercem uma influência recíproca em cada um e produzem um terceiro termo no qual o primeiro termo reaparece mais bem definido e enriquecido, e também o segundo, cuja definição se junta ao primeiro. O terceiro termo volta-se contra o primeiro ao negar o segundo e assim redime o conteúdo do primeiro termo pela superação do que nele estava incompleto e limitado – destinado a ser negado (LEFEBVRE, 2000, p. 34).

Lefebvre critica esta dialética hegeliana em dois planos. Primeiro, ele rejeita sua concepção idealista. Para Hegel, o movimento dialético ocorre no conceito e, conseqüentemente, apenas no pensamento. A crítica de Lefebvre chama a atenção para o fato de que esta dialética não pode ser aplicada à realidade. Além disso, a contraditória natureza da vida não é imaginada, mas real. Conseqüentemente é mais importante compreender a vida real em todas as suas contradições. Por isso, Lefebvre segue Marx que pôs de pé a dialética de Hegel e deu precedência não à ideia, mas ao processo material da produção social.

A segunda crítica de Lefebvre relaciona-se ao “sistema” dialético construído por Hegel: ao sistematizar a filosofia, Hegel para o fluxo do tempo, declara o processo do devir fechado, destruindo sua mais valiosa abordagem. Essa linha de pensamento impede a liberação do homem porque tende a dominar a prática e desse modo alia-se

com o poder, até mesmo tornando-se o próprio poder. Essa crítica do poder prático e da força da abstração – de pensar, escrever, e da linguagem – é o *leitmotiv* que percorre toda a obra de Lefebvre. Isso também constitui a base de seu ataque cortante e geralmente furioso à filosofia e à ciência contemporâneas, e, em suas últimas obras, ao planejamento e à arquitetura.

Contra o poder mortal do signo, Lefebvre, seguindo Nietzsche, postula a metamorfose do signo: a *poesia*. Na visão de Lefebvre, a obra de arte sozinha é a unidade do finito e do infinito, infinitamente determinada e viva (LEFEBVRE, *op. cit.*). No curso da luta que supera a contradição entre trabalho e brincadeira, o poeta resgata a palavra da morte – uma luta que é tão somente tão terrível quanto o terreno instável no qual ela se resolve. Aqui a preocupação de Lefebvre não é a arte erudita, mas a arte cotidiana, a poesia da vida cotidiana, a arte da vida: “Por este meio, a racionalidade marxista se junta ao pensamento de Nietzsche na elucidação do devir” (LEFEBVRE, 2000, p. 129).

Por meio de sua adoção da “dialética germânica”, Lefebvre chega a uma renovada dialética tridimensional que não tem paralelo na filosofia e na história do conhecimento. Lefebvre, ele mesmo, descreve sua dialética como uma crítica radical de Hegel baseada na prática social de Marx e na arte de Nietzsche (LEFEBVRE 1991, p. 406). Num nível geral, a figura dialética fundamental na obra de Lefebvre pode ser compreendida como a contradição entre pensamento social e ação social, suplementada pelo terceiro fator do ato criativo e poético.

A DIALÉTICA TRIDIMENSIONAL

Assim, Lefebvre desenvolve uma figura tridimensional da realidade social. A prática social material tomada como ponto de partida da vida e da análise constitui o primeiro momento. Ela permanece em contradição com o segundo momento: conhecimento, linguagem e palavra escrita, compreendidos por Lefebvre como abstração, como poder concreto e como compulsão ou constrangimento. O terceiro momento envolve poesia e desejo como formas de transcendência que ajudam o devir a prevalecer sobre a morte. Lefebvre, porém, não para nessa suprassunção em transcendência e poesia. Desta maneira, uma figura dialética tridimensional emerge em que os três momentos são dialeticamente interconectados: prática social material (Marx); linguagem e pensamento (Hegel); e o ato criativo, poético (Nietzsche).

Isso tem uma importância decisiva, pois com essa figura tridimensional a natureza da dialética alterou-se profundamente. Enquanto a dialética hegeliana (e também a marxista) repousa em dois termos em contradição entre si e que são suprassumidos por meio de um terceiro termo, a dialética triádica de Lefebvre postula três termos. Cada um deles pode ser compreendido como uma tese e cada um se refere aos outros dois e permanecerá uma mera abstração sem eles. Essa figura triádica não termina numa síntese como no sistema hegeliano. Ela liga três momentos, que permanecem distintos entre si, sem reconciliá-los numa síntese – três momentos que existem em interação, em conflito ou em aliança entre si (LEFEBVRE, 2004, p. 12). Assim, os três

termos ou momentos assumem igual importância e cada um toma uma posição semelhante em relação aos outros. Desta forma uma nova, tridimensional ou triádica, versão da dialética emerge.

Foi apenas em seus últimos trabalhos que Lefebvre definiu explicitamente essa dialética tridimensional^v. De acordo com ele, o seu desenvolvimento foi em certa medida subterrâneo por um longo tempo e somente emergiu completamente mais tarde^{vi}. Ele considera essa figura tridimensional básica um desenvolvimento complementar da dialética que ele compara com suas famosas predecessoras, a dialética hegeliana e a dialética marxista. De acordo com Lefebvre, a tríade hegeliana “tese – antítese – síntese”, que supunha construir o processo do devir, é uma ilusão uma vez que é construída apenas uma representação. Em contraste com isso, a tríade marxista “afirmação – negação – negação da negação” reivindica a interpretação do processo de devir mas não cumpre esta ambiciosa reivindicação. Ao que parece, no tempo histórico não tem havido tantas rupturas profundas, surpresas e lacunas intransponíveis como tem havido bifurcações, meia-voltas e desvios que essa dialética não poderia compreender. Em oposição, Lefebvre avança a sua própria versão de dialética, “triádica” ou “ternária”, que é uma análise triplamente avaliada. Ela postula três momentos de igual valor que se relacionam entre si por meio de relações variadas e movimentos complexos em que ora um, ora outro, triunfa sobre a negação de um ou de outro. A reivindicação de Lefebvre não é mais a interpretação do devir, nem mesmo a produção do devir,

mas a análise do devir. Seu método analítico possibilita a descoberta ou reconhecimento do sentido: um horizonte de devir – de possibilidades, incertezas, probabilidades. E isso permite a formulação de uma estratégia – sem a certeza de se atingir o objetivo (LEFEBVRE, 1986, p. 41 e 42).

A idéia de que isso possa ser uma “dialética espacial” (SHIELDS, 1999) é, contudo enganadora. Em vez disso, isto é um princípio geral aplicado por Lefebvre a campos muito diferentes. Assim a tríade *forma – estrutura – função*, por exemplo, aparece repetidamente em várias passagens de sua obra. Em sua teoria da linguagem, ele segue este princípio triádico e cuidadosamente diferencia entre as dimensões *paradigmática, sintática e simbólica* da linguagem (ver abaixo). Em *Rhythmanalysis* a tríade lê-se: melodia – harmonia – ritmo (LEFEBVRE, 2004, p. 12). Em *La Présence et l’absence* ele questiona: “Existe de fato uma relação entre dois termos, exceto na representação? Eles são sempre três. Há sempre o outro” (LEFEBVRE, 1980, p. 143). E, então, ele acrescenta uma lista de tríades que se relacionam aos mais variados aspectos da realidade. Finalmente uma menção pode ser feita à unidade triádica fundamental da concepção espaço-tempo: espaço-tempo-energia (LEFEBVRE, 1986, p. 42).

TEORIA DA LINGUAGEM

A primeira aplicação detalhada deste princípio tridimensional fundamental ocorreu em *Le langage et la société*, publicada em 1966. Aí Lefebvre desenvolve a sua própria teoria da linguagem de orientação nietzschiana, a

qual em muitos aspectos rompe com relação a premissas básicas da semiótica contemporânea. Com sua construção tridimensional, forma-se uma espécie de cenário preliminar na teoria da produção do espaço, mesmo que Lefebvre não se refira a isto especificamente.

O ponto de partida da teoria da linguagem de Lefebvre é a poética de Nietzsche, especialmente em seu texto “Verdade e Mentira em um sentido Extra-Moral”, publicado em 1873 (NIETZSCHE, 1968, p. 42-47)^{vii}. Lefebvre sustenta que somente Nietzsche expõe o problema da linguagem corretamente ao partir da palavra falada e não de um modelo, e por ligar, desde o início, significado com valor e conhecimento com poder. Lefebvre se refere especialmente aos conceitos clássicos de metonímia e metáfora que assumiu um sentido radical na obra de Nietzsche. As palavras aqui vão além do imediato, do sensual, do caos de impressões e sentimentos. Elas substituem esse caos com uma imagem ou uma representação falada, uma palavra, e desse modo uma metamorfose. As palavras de uma língua conseqüentemente nos dão a posse apenas de metáforas das coisas, e os conceitos surgem de uma identificação do não-idêntico e, com isso, de uma metonímia (NIETZSCHE, *op. cit.*)^{viii}. Nietzsche escreveu: nós achamos que conhecemos algo sobre as coisas em si, quando nós falamos de árvores, cores, neve e flores, e não possuímos nada além de metáforas das coisas, o que de forma alguma corresponde à sua essência original (NIETZSCHE, *op. cit.*).

Para Nietzsche,

cada palavra torna-se imediatamente um conceito, não tendo que servir como uma recordação única e completamente individualizada da experiência original, a qual ela deve o seu nascimento, mas tendo que simultaneamente se adequar a inúmeros casos mais ou menos similares, que, falando estritamente, nunca são iguais, portanto completamente desiguais. Cada conceito se forma equalizando o desigual (NIETZSCHE, *op. cit.*).

O que é então a linguagem? Lefebvre responde com a definição de verdade de Nietzsche:

O que então é verdade? Uma arma móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, em resumo, uma soma de relações humanas que têm sido poética e retoricamente intensificadas, transpostas e embelezadas, e que parecem para as pessoas, depois de um longo uso, fixas, canônicas, irrevogáveis (NIETZSCHE, *op. cit.*)^{ix}.

Lefebvre, então, vê metáfora e metonímia no sentido original como atos que se tornam figuras retóricas somente por meio do uso. Em conformidade, ele compreende a sociedade como um espaço e uma arquitetura de conceitos, formas e regras cuja verdade abstrata prevalece sobre a realidade dos sentidos, do corpo, das vontades e dos desejos^x.

Iniciando por estas considerações Lefebvre desenvolve uma teoria da tridimensionalidade da linguagem em seu *Le langage et la société*. A primeira, *dimensão sintática* ou *sintagmática*, é aqui, a bem dizer, a dimensão clássica da linguística e da gramática. Ela lida com as regras formais de combinação que determinam a relação entre as coisas, suas possíveis disposições, estrutura das

sentenças, e sintaxe (LEFEBVRE, 1966, p. 242).

Lefebvre diferencia por acréscimo a dimensão paradigmática. Este conceito se refere a Roman Jakobson, que desenvolveu uma teoria bidimensional da linguagem, distinguindo entre dois tipos de classificação de um signo linguístico (JAKOBSON, 1971). O primeiro é a combinação ou o contexto; cada signo é formado por uma combinação de signos ou aparece em combinação com outros signos. Cada unidade da linguística, desse modo, serve como um contexto para unidades mais simples ou ocorre no contexto de unidades mais complexas. Essa primeira classificação do signo que corresponde a um processo metonímico pode ser atribuída à *dimensão sintagmática*. Jakobson então diferenciou uma segunda operação linguística: seleção ou substituição. Essa operação implica a possibilidade de substituir um termo por outro que é equivalente ao primeiro a partir de um ponto de vista e diferente dele quando visto por um outro ângulo. Esta segunda classificação do signo corresponde a um processo metafórico e se relaciona a um código, um sistema de significados: paradigmas. Lefebvre nomeia esta dimensão como a *dimensão paradigmática*.

Finalmente, Lefebvre acrescenta uma terceira dimensão a essas duas: a *dimensão simbólica*. Como ele mesmo admite, o conceito de símbolo causa confusão aqui, uma vez que vários significados podem ser atribuídos a ele. De um lado, ele denota o signo formalizado da matemática; do outro, ele é também carregado de imagens, emoções, afetividade e conotações. Lefebvre está visando precisamente esse

segundo significado de símbolo: que é sua substancialidade, sua ambiguidade e sua complexidade que são integrais à linguagem viva e vivida. Em sua opinião, até mesmo a filosofia não tem tido sucesso em abrir mão de imagens e símbolos e, desta forma, da poesia, embora ela tenha se comprometido com o rigor discursivo. Assim, na filosofia também há ambiguidades e enganos,

uma feliz ambiguidade, o risco de um engano. Que o discurso provenha do mestre para o discípulo, isto ocorre, não apesar de, mas, por causa dessas ambiguidades e enganos: devido à palavra falada que sustenta o discurso, e à imagens ou símbolos que emprestam força aos conceitos” (LEFEBVRE, 1966, p. 247-248).

Assim, Lefebvre não pretende, de forma alguma, cair na irracionalidade e no misticismo. Pelo contrário, ele quer investigar o instintivo, o emocional e o “irracional” como fatos sociais. É somente neste sentido que ele pretende desenvolver interesse pelo símbolo novamente: em sua significância para os seres humanos numa dada sociedade. O símbolo, assim, entra nas estruturas e ideologias sociais e serve como um pilar para a alegoria e o fetiche. Ele constitui a base do imaginário social, que é diferente do imaginário individual. Consequentemente há também uma distinção clara entre a função filosófica do imaginário e a função social do símbolo. Que os símbolos não são exauríveis é para Lefebvre de importância decisiva. Deste modo, sua formalização não é possível (LEFEBVRE, 1966, p. 258-269).

LINGUAGEM E ESPAÇO

A aplicação deste esquema ao *espaço* pareceria agora inteiramente óbvia. Assim, Lefebvre postula repetidamente que a atividade no espaço estabelece um sistema que corresponde ao sistema de palavras até certo ponto^{xi}. A partir desta perspectiva, a análise tridimensional da produção do espaço aparece como se segue:

- *Prática espacial*: este conceito designa a dimensão material da atividade e interação sociais. A classificação espacial significa focar no aspecto da simultaneidade das atividades. A prática espacial, em analogia com a dimensão sintagmática da linguagem, denota o sistema resultante da articulação e conexão de elementos ou atividades. Em termos concretos, poder-se-ia pensar como as redes de interação e comunicação se erguem na vida cotidiana (ex. a conexão diária entre casa e o local de trabalho) ou no processo de produção (relações de produção e troca).
- *A representação do espaço*: representações do espaço dão uma imagem e desta forma também definem o espaço. Análoga à dimensão paradigmática da linguagem, uma representação espacial pode ser substituída por outra que mostre similaridades em alguns aspectos e diferenças em outros. Representações do espaço emergem ao nível do discurso, da

fala como tal e, conseqüentemente, encerram formas verbalizadas tais como: descrições, definições e especialmente teorias (científicas) do espaço. Ademais, Lefebvre considera mapas e plantas, informação em fotos e signos dentre as representações do espaço. As disciplinas especializadas envolvidas com a produção dessas representações são a arquitetura e o planejamento e também as ciências sociais (e aqui, a geografia é de especial importância).

- *Espaços de representação*: a terceira dimensão da produção do espaço é definida por Lefebvre como a inversão (terminológica) da "representação do espaço"^{xii}. Trata-se da dimensão simbólica do espaço. De acordo com isso, espaços de representação não se referem aos espaços propriamente, mas a algo mais: um poder divino, o logos, o Estado, o princípio masculino e feminino e outros. Esta dimensão da produção do espaço refere-se ao processo de significação que se conecta a um símbolo (material). Os símbolos do espaço poderiam ser tomados da natureza como as árvores ou formações topográficas proeminentes, ou eles poderiam ser artefatos, prédios e monumentos; eles poderiam também se desenvolver a partir da combinação de ambos, como, por exemplo, as "paisagens".

De acordo com esse esquema, o espaço (social) pode ser analisado em relação a essas três dimensões. Na primeira, o espaço social aparece na dimensão da prática espacial como uma cadeia ou rede de atividades ou interações interligadas, as quais por sua parte residem sobre uma base material determinada (morfologia, ambiente construído). Na segunda, esta prática espacial pode ser linguisticamente definida e demarcada como espaço e, neste caso, constitui uma representação do espaço. Esta representação serve como um esquema organizador ou um quadro de referência para a comunicação, que permite uma orientação (espacial) e, assim, ao mesmo tempo, co-determina a atividade. Na terceira, a "ordem" material que aflora na superfície pode tornar-se ela mesma um veículo transmitindo significados. Dessa maneira, um simbolismo (espacial) se desenvolve expressando e invocando normas, valores e experiências sociais.

FENOMENOLOGIA

Se a teoria da linguagem de Henri Lefebvre é tida como uma fonte para a teoria da produção do espaço, a outra fonte pode ser encontrada na fenomenologia. Os pontos de referência fenomenológicos também se tornam claros nos seguintes termos básicos: o percebido, o concebido e o vivido.

Percepção é um conceito central da fenomenologia. Como um sujeito percebe uma imagem, uma paisagem, um monumento? Evidentemente a percepção depende do sujeito: um camponês não enxerga "sua" paisagem da mesma forma

que um morador da cidade desfruta um passeio por lá (LEFEBVRE, 1991, p. 113). Todavia, a atitude de Lefebvre em relação à versão fenomenológica da percepção é um tanto cética. Por isso, ele a combina com o conceito de prática espacial para mostrar que a percepção não acontece apenas na mente mas se baseia numa materialidade concreta e produzida (LEFEBVRE, *op. cit.*).

O conceito de *vivido* (*le vécu*) também revela um ponto de referência fenomenológico. Lefebvre entende que o vivido não pode ser compreendido historicamente sem o concebido. De acordo com o seu entendimento, a separação do concebido a partir do vivido ocorreu primeiro na filosofia ocidental. Isso é como a contradição básica entre o vivido e o concebido surgiu, entre o "*vécu*" e o "*conçu*". Rob Shields afirma, sem referência alguma, que Lefebvre adotou o "dualismo central" entre o *vivido* e o *concebido* de Nietzsche e Spinoza (SHIELDS, 1999, p. 9). No entanto, o próprio Lefebvre relaciona o conceito de vivido à fenomenologia e ao existencialismo, especialmente à Jean-Paul Sartre. Em *Métaphilosophie* ele considera o vivido como o termo filosófico para a cotidianidade (*la quotidienneté*) (LEFEBVRE, 2000, p. 79).

Mesmo a interligação do vivido com o espaço, e assim o conceito de espaço vivido, não foi criada por Lefebvre. O problema do espaço vivido começou a ser levado em consideração no início da década de 1930, nas observações das anomalias da experiência espacial na psiquiatria, sob hipnose e o consumo de substâncias psicodélicas^{xiii}.

A fenomenologia descritiva foi de grande importância para Lefebvre, no

entanto. Em *Fenomenologia da Percepção*, publicada em 1945, Maurice Merleau-Ponty desenvolveu uma teoria baseada nos conceitos básicos: “espaço”, “tempo” e “mundo vivido” (*monde vécu*) (MERLEAU-PONTY, 1962). A diferença entre o mundo vivido e o mundo percebido já é explícita aqui; da mesma forma que o pensamento de que, por um lado, a ciência se refere a uma experiência do mundo (e desta forma ao mundo vivido) sem a qual os símbolos da ciência não teriam nenhum sentido e de que, por outro lado, a ciência é uma determinação e uma explicação do mundo percebido. Correspondentemente, Merleau-Ponty distingue um espaço físico construído pela percepção, um espaço geométrico conceitualmente compreendido e, finalmente, um espaço vivido (*espace vécu*): o espaço mítico, o espaço dos sonhos, da esquizofrenia e da arte. Este espaço baseia-se na relação entre o sujeito e o mundo dele ou dela e é incorporado na corporeidade deste sujeito (MERLEAU-PONTY, 1962, p. 243-244 e 291).

Todavia, a teoria de Lefebvre é baseada muito mais em Heidegger e em Bachelard, cujos pensamentos sobre o viver e o morar, especialmente, ele enfatiza. A *Poética do Espaço* de Gaston Bachelard, a análise fenomenológica clássica sobre o vivido, publicada em 1957, possui particular significância neste contexto. Nesta obra, Bachelard segue o difícil projeto de esboçar uma fenomenologia da imaginação baseada em imagens poéticas do “espaço feliz” na literatura (BACHELARD, 1969, p. xxxi). Em longos trechos desta obra, encontram-se reflexões que já apontam para o conceito tridimensional de espaço de

Lefebvre. Essas imagens do espaço feliz procuram definir o valor humano de “espaços de posse” (*espaces de possession*). Bachelard se refere aqui aos espaços protegidos contra forças hostis, espaços amados ou espaços louvados.

Vinculado a seu valor de proteção, que pode ser positivo, existem também valores imaginados, os quais logo se tornam dominantes. O espaço que foi apreendido pela imaginação não pode permanecer indiferente, sujeito às medidas e estimativas do investigador. Ele foi vivido, não na sua positividade, mas com toda a parcialidade da imaginação (BACHELARD, 1969, p. xxxi-xxxii).

Aqui aparece a primeira distinção entre um aspecto “real” (ou material) do espaço e um aspecto vivido por meio da qual fica claro que ambos aspectos poderiam se referir a um único e mesmo “espaço”. O espaço feliz não é meramente imaginado ou vivido, mas possui um valor de proteção original e real. Também corresponde à prática espacial.

O terceiro aspecto do espaço, o espaço concebido, também aparece na obra de Bachelard e, de fato, é explicitamente demarcado a partir do espaço imaginado. No contexto da estética do oculto, que trabalha com arcaas, guarda-roupas e gavetas, Bachelard escreve: “uma gaveta vazia é *inimaginável*. Ela pode apenas ser pensada. E para nós que temos que descrever o que imaginamos antes daquilo que conhecemos, o que sonhamos antes do que verificamos, todos os guarda-roupas estão cheios” (BACHELARD, 1969, p. xxxiii-xxxiv). A seguinte passagem de Lefebvre, que se pretende crítica, aparece como uma continuação: “Espaços vazios

no sentido de um vazio mental e social que facilita a socialização de um domínio ainda não social é, na verdade, meramente uma *representação do espaço*” (LEFEBVRE, 1991, p. 190).

Um segundo ponto de referência central da teoria da produção do espaço é revelado, portanto, da seguinte forma: fenomenologia (francesa). Não obstante Lefebvre considera esta abordagem um tanto criticamente; em sua opinião, é uma abordagem que ainda é muito fortemente influenciada pela separação do sujeito e do objeto de Descartes. Dessa forma, ele critica Husserl, o fundador da fenomenologia, tanto quanto o seu aluno Merleau-Ponty, acima de tudo porque eles ainda fazem da subjetividade do ego o ponto central da sua teoria e assim não são capazes de superar seu idealismo (LEFEBVRE, *op. cit.*). A proposta de Lefebvre é, assim dizendo, a de uma fenomenologia materialista – um projeto que Merleau-Ponty também perseguiu, mas que nunca conseguiu completar.

A TRÍADE DIALÉTICA DO HOMEM

Lefebvre indica o acesso fenomenológico às três dimensões da produção do espaço com os conceitos de percebido (*perçu*), de concebido (*conçu*) e de vivido (*vécu*). Essa tríade é, ao mesmo tempo, individual e social; não é somente constitutiva da auto-produção do homem, mas da auto-produção da sociedade. Todos os três conceitos denotam processos ativos individuais e sociais ao mesmo tempo.

- *Espaço percebido*: o espaço tem um aspecto perceptível que pode ser

apreendido por meio dos sentidos. Essa percepção constitui um componente integral de toda prática social. Ela compreende tudo que se apresenta aos sentidos; não somente a visão, mas a audição, o olfato, o tato e o paladar. Esse aspecto sensualmente perceptivo do espaço relaciona-se diretamente com a materialidade dos “elementos” que constituem o “espaço”.

- *Espaço concebido*: o espaço não pode ser percebido enquanto tal sem ter sido concebido previamente em pensamento. A junção de elementos para formar um “todo” que é então considerado ou designado como espaço presume um ato de pensamento que é ligado à produção do conhecimento.

- *Espaço vivido*: a terceira dimensão da produção do espaço é a experiência vivida do espaço. Essa dimensão significa o mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana. Neste ponto, Lefebvre é inequívoco: o vivido, a experiência prática, não se deixa exaurir pela análise teórica. Sempre permanece um excedente, um remanescente, o indizível, o que não é passível de análise apesar de ser o mais valioso resíduo, que só pode ser expresso por meio de meios artísticos.

A partir da perspectiva fenomenológica, a produção do espaço é baseada em uma tri-dimensionalidade que é identificável em todo processo social. Lefebvre demonstra isso utilizando o exemplo da troca. A troca assim como a origem histórica da sociedade da mercadoria não é limitada à troca (física) de objetos. Ela também requer comunicação, confronto, comparação e, por conseguinte, linguagem e discurso, signos e trocas de signos, ou seja, uma troca mental, para que a troca material se realize efetivamente. A relação de troca também contém um aspecto afetivo, uma troca de sentimentos e paixões que ao mesmo tempo liberta e aprisiona o enfrentamento (LEFEBVRE, 1977, p. 20-22).

DIMENSÕES ESPAÇO-TEMPORAIS DA REALIDADE SOCIAL

Os princípios fundamentais da teoria da produção do espaço de Lefebvre estão agora claros. O que é espaço? Lefebvre o compreende como um processo de produção que acontece em termos de três dimensões dialeticamente interconectadas. Ele define essas dimensões de duas maneiras: de um lado, ele utiliza os três conceitos "prática espacial", "representação do espaço" e "espaços de representação", que estão fundados em sua própria teoria da linguagem tridimensional. O aspecto especial de sua teoria da linguagem consiste, por um lado, em sua construção dialética básica tridimensional e, de outro, na sua dimensão "simbólica" baseada em Nietzsche. No entanto, a teoria da produção do espaço dá um passo decisivo adiante da teoria da linguagem

tridimensional. Ela procura apreender a prática social enquanto totalidade e não meramente um aspecto parcial dessa prática. É assim direcionada para um ponto crucial de toda teoria do espaço: a materialidade da prática social e o papel central do corpo humano.

Agora, Lefebvre vem para um segundo conjunto de conceitos: "o percebido", "o concebido" e "o vivido". Como demonstrado anteriormente, estes conceitos derivam da fenomenologia francesa, especialmente de Bachelard e de Merleau-Ponty. No entanto, comparado a essas abordagens, Lefebvre procura repetidamente manter o seu ponto de vista materialista dialético. Dessa forma, a perspectiva epistemológica desloca-se do sujeito que pensa, atua e experimenta para o processo de produção social do pensamento, ação e experiências.

Quando aplicada à produção do espaço, esta abordagem fenomenológica conduz às seguintes conclusões: um espaço social inclui não somente a materialidade concreta mas um conceito pensado e sentido - uma "experiência". A materialidade em si mesma ou a prática material de per si não possui existência quando vista a partir de uma perspectiva social sem o pensamento que os expressa e representa e sem o elemento da experiência vivida, os sentimentos que são investidos nesta materialidade. O pensamento puro é pura ficção; ele vem do mundo, do Ser, do Ser material assim como de sua experiência vivida. A "experiência" pura é, em última análise, puro misticismo: ela não possui uma existência real (social) sem a materialidade do corpo na qual está baseada e sem o pensamento que a estrutura e expressa. Estas três

dimensões da produção do espaço constituem uma unidade dialética contraditória. É uma tripla determinação: o espaço emerge somente da interação de todas as três.

O núcleo da teoria da produção do espaço identifica três momentos da produção: primeiro, a produção material; segundo, a produção de conhecimento; e, terceiro, a produção de significados. Isso torna claro que o foco da teoria de Lefebvre não é o “espaço em si mesmo”, nem mesmo o ordenamento dos objetos e artefatos (materiais) “no espaço”. O espaço é para ser entendido em um sentido ativo como uma intrincada rede de relações que é produzida e reproduzida continuamente. O objeto da análise é, conseqüentemente, o processo ativo de produção que acontece no tempo.

CONFUSÕES DIALÉTICAS

Esta reconstrução contextual da teoria da produção do espaço mostra claramente como algumas de suas interpretações atuais mais influentes possuem consideráveis limitações e contribuem mais para a confusão do que para o esclarecimento.

Até mesmo David Harvey, que se apropriou criativamente de muitos conceitos de Lefebvre, teve dificuldades com a tridimensionalidade de sua teoria. Ele conclui sua única e pequena digressão sobre esta questão com o seguinte argumento: “Mas afirmar que as relações entre o experimentado, o percebido e o imaginado são determinados dialeticamente mais do que casualmente, deixa as coisas demasiado vagas” (HARVEY, 1989, p. 219). Esse ceticismo da tridimensionalidade da teoria de

Lefebvre é particularmente notável apesar das últimas reconsiderações de Harvey. Entretanto, essa teoria dialética foi precisamente o que ajudou Lefebvre a avançar para além de um marxismo estreito e das limitações da crítica clássica da economia política. Para seguir esta posição, Harvey teria sido compelido a verificar mais precisamente as premissas básicas de seu próprio edifício teórico. De acordo com a própria análise de Lefebvre, esta questão forma a linha divisória entre a teoria da produção do espaço e a “economia política do espaço” como foi subsequentemente mais desenvolvida por Harvey (LEFEBVRE, 1991, p. 350).

Problemas maiores são causados particularmente pela interpretação de Edward Soja, o qual tem sido extremamente influente, dentro e fora do campo da geografia^{xiv}. O problema básico com essa apropriação pós-moderna da teoria de Lefebvre se encontra no fato de que ela constroi, assim dizendo, espaços independentes a partir das três dimensões ou momentos da produção do espaço. Soja postula a existência autônoma dos três espaços: um primeiro espaço físico, um segundo espaço mental e um terceiro o espaço social. Ele vê uma importância estratégica no espaço social e rotula este como “terceiroespaço” (thirdspace). Ele o entende como representando um espaço completo, um espaço vivo de representação e o enxerga como um lugar de onde todos os espaços podem ser apreendidos, entendidos e transformados ao mesmo tempo (SOJA, 1996, p. 68-69). De acordo com esse esquema sobre os três espaços, Soja também distingue “epistemologias” espaciais específicas que são destinadas a serem investigadas respectivamente: o primeiro, o segundo e

até o terceiro espaço. Em *Postmetropolis* ele utiliza esta diferenciação para dividir as diferentes abordagens da pesquisa urbana em três categorias básicas. Apesar de tal concepção parecer interessante, ela não tem muito em comum com a teoria de Lefebvre. De acordo com Lefebvre, não pode haver nem um "terceiro espaço", nem um primeiro ou segundo espaço. Como demonstrado conclusivamente aqui, Lefebvre nunca parte de três espaços independentes mas de três processos de produção interconectados dialeticamente. Apesar de Soja repetidamente citar Lefebvre, sua teoria espacial é, em última análise, fundamentalmente diferente da teoria da produção do espaço de Lefebvre.

Porém, não é apenas Edward Soja que tem dificuldades para entender a dialética de Lefebvre. Rob Shields, quem trouxe à tona a primeira ampla exposição do trabalho de Lefebvre em Inglês, também experimenta problemas consideráveis com sua dialética. Em sua interpretação, parcialmente inspirada em Soja, ele afirma que Lefebvre não exauriu completamente o significado de sua "dialética espacial" (SHIELDS, 1999, p. 120). Ele afirma, sem evidência alguma, que a "interpretação usual" da dialética de Lefebvre é uma tese com duas antíteses: a tese é "prática cotidiana e percepção"; a primeira antítese é "a teoria analítica e as instituições"; e a segunda antítese compreende "os momentos vividos intensamente". Entretanto, o próprio Shields considera tal exposição confusa e então tenta traduzir novamente a dialética de Lefebvre a partir do esquema hegeliano clássico de afirmação, negação e negação da negação. Para completar esse esquema, Shields encontra um quarto

conceito, transcendental, que ele denomina como "a espacialização". A luta com a dialética de Lefebvre finalmente termina, no caso de Shield, em uma total confusão.

Até mesmo Stuart Elden tem uma considerável dificuldade em acertar as contas com a dialética de Lefebvre (ELDEN, 2004, p. 37). Em sua crítica a Soja e Shields ele corretamente postula que a concepção de Lefebvre nem substitui o pensamento dialético nem representa a introdução do espaço na dialética. Ele localiza "os problemas de Lefebvre com o materialismo dialético em sua tendência a uma imagem linear e teleológica da transformação histórica" (ELDEN, *op. cit.*). Consequentemente, ele argumenta que Lefebvre concebe que "o terceiro termo não é um resultado da dialética... ele está lá mas não é mais um desfecho" (ELDEN, *op. cit.*). A dialética não é simplesmente a solução de dois termos conflitantes, mas um processo de três vias onde a síntese é capaz de reagir sobre os dois primeiros termos. Também é questionável se tal construção ainda poderia ser denominada dialética porque o pensamento dialético é fundamentalmente baseado na dinâmica das contradições e não se restringe à interação mútua dos elementos. Consequentemente, Elden afirma que a "suprassunção" de Lefebvre (*dépassement*) é muito mais uma tradução de *Überwinden* (superação) de Nietzsche do que a *Aufhebung* marxista ou hegeliana (abolição e preservação) (ELDEN, *op. cit.*). Entretanto, como eu procurei demonstrar, esta interpretação não pode ser sustentada pela obra de Lefebvre. Até mesmo a exposição de Elden fracassou em minimizar a confusão referente à dialética de Lefebvre.

PERSPECTIVAS FUTURAS

A conclusão crucial a ser extraída da análise e da reconstrução da teoria da produção do espaço de Lefebvre é a seguinte: as três dimensões da produção do espaço precisam ser entendidas como sendo fundamentalmente de igual valor. O espaço é, ao mesmo tempo, percebido, concebido e vivido. Nenhuma dessas dimensões pode ser imaginada como a origem absoluta, como “tese”, e nenhuma é privilegiada. O espaço é inacabado, assim, ele é continuamente produzido e isso está sempre ligado com o tempo.

Eu espero que com a atual “terceira onda” de interpretações de Lefebvre seu projeto teórico seja melhor

compreendido. Para isto, três tarefas serão de vital importância. Primeiro, é importante apreender a construção básica da epistemologia de Lefebvre para alcançar uma base teórica válida para a análise empírica. Segundo, aplicações fecundas da teoria de Lefebvre precisam ser encontradas. Várias possibilidades surgiram com este propósito, as quais esperam para serem inteiramente exploradas. No entanto, algumas análises promissoras existem^{xv}. Terceiro, o ponto crucial da abordagem de Lefebvre deve ser levado em consideração: ir além da filosofia e da teoria e alcançar a prática e a ação.

ⁱ Ver, dentre outros: Harvey (1996) e Werlen (1993).

ⁱⁱ Termo emprestado por Lefebvre do estudo de sons musicais. Fant (1960) definiu formantes como os picos espectrais do espectro sonoro. Em diversas passagens de sua obra Lefebvre usa o termo formante como sinônimo de elemento, componente, dimensão. (nota dos tradutores)

ⁱⁱⁱ Paulo Meneses e José Machado na tradução da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e da *Fenomenologia do Espírito* adotam o neologismo “suprassumir” para traduzir o verbo *aufheben* e assim alcançar o seu triplo sentido de: negar, conservar e elevar. Suprassumir associa foneticamente termos que apresentam o significado que se deseja expressar: supra (elevar, ir além, ultrapassar); assumir (conservar, manter para si); sumir (negar, desaparecer). (nota dos tradutores)

^{iv} Ver Lefebvre & Guterman (1936) e Lefebvre (1947; 1986).

^v Ver Lefebvre (1980; 1986).

^{vi} Compare em Lefebvre (1986, p. 41-42).

^{vii} Ver também em Lefebvre (1991, p. 138).

^{viii} Ver também em Lefebvre, *op. cit.*

^{ix} Ver também em Lefebvre, *op. cit.*

^x Ver também em Lefebvre (1991, p. 139).

^{xi} Ver, como exemplo, em Lefebvre (1978, p. 282; 1991, p. 117).

^{xii} O tradutor para a língua inglesa utiliza aqui o termo “espaços de representação” ao invés de “espaços representacionais” o qual aparece na tradução para o inglês de *A Produção do Espaço*. A razão para tal não é somente pela precisão lingüística (em francês, Lefebvre utiliza o termo “*espaces de représentation*”), mas para dar importância ao termo “representação” que é diretamente ligado à teoria (inacabada) de Lefebvre sobre a representação. Ver em Lefebvre (1980).

^{xiii} Ver também em Gosztonyi (1976).

^{xiv} Ver Soja (1989; 1996; 2000).

^{xv} Ver Milgrom, et. al. (2005) e Stanek (2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **The Poetics of Space**. Trad. M. Jolas. Boston: Beacon Press, 1969.

ELDEN, Stuart. **Understanding Henri Lefebvre**. London/New York: Continuum, 2004.

FANT, Gunnar. **Acoustic Theory of Speech Production**. Mouton: The Hague, 1960.

GOONEWARDENA, Kanishka; KIPFER, Stefan; MILGROM, Richard; SCHMID, Cristian (orgs.). **Space, Difference, Everyday Life: reading Henri Lefebvre**. New York: Routledge, 2008.

GOSZTONYI, Alexander. **Der Raum – geschichte seiner probleme in philosophie und wissenschaft**. Freiburg/München: Karl Alber, 1976.

HARVEY, David. **The Condition of Postmodernity**. Oxford: Blackwell, 1989.

_____. **Justice, Nature and the Geography of Difference**. Oxford: Blackwell, 1996.

HEGEL, Georg W. F. **Science of Logic**. Trad. A. V. Muller. London: George Allen & Unwin, 1969.

_____. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio**. Trad. Paulo Meneses e José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

JAKOBSON, Roman. Two aspects of Language and Two Types of Aphasic Disturbances. In: JAKOBSON, Roman. **Selected Writings II**. Mouton: The Hague, 1971, pp. 239-259.

LEFEBVRE, Henri; GUTERMAN, Norbert. **La Conscience Mystifié**. Paris: Gallimard, 1936.

LEFEBVRE, Henri. **Logique Formelle, Logique Dialectique**. Paris: Éditions Sociales, 1947.

_____. **Le Langage et la Société**. Paris: Gallimard, 1966.

_____. **Dialectical Materialism**. Trad. J. Sturrock. London: Jonathan Cape, 1968.

_____. **De l'État, tome III: le mode de production étatique**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1977.

_____. **De l'État, tome IV: les contradictions de l'État moderne**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1978.

_____. **La Presence et L'absence – contribution à la théorie des représentations**. Paris: Casterman, 1980.

_____. **Le Retour de la Dialectique**. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986.

_____. **The Production of Space**. Trad. D. Nicholson-Smith Oxford: Basil Blackwell, 1991.

_____. **Metaphilosophie**. Paris: Édition Syllepse, 2000.

_____. **Rythmanalysis: space, time and everyday life**. Trad. S. Elden e G. Moore. Nova York: Continuum, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenology of Perception**. Trad. C. Smith. New York: Humanities Press, 1962.

MILGROM, Richard; DIENER, Roger; HERZOG, Jacques; MEILI, Marcel; DE MEURON, Pierre; SCHMID, Christian. **Switzerland – an urban portrait**. Basel: Birkhäuser, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. On truth and Lie in an Extra Moral Sense. Trad. Walter Kaufmann. In: KAUFMANN, Walter (org.). **The Portable Nietzsche**. New York: Viking, 1968, pp. 42-47.

SCHMID, Christian. **Stadt, Raum und Gesellschaft: Henri Lefebvre und die theorie der produktion des raumes**. Stuttgart: Steiner, 2005.

SHIELDS, Rob. **Lefebvre, Love and Struggle:** spatial dialectics. London: Routledge, 1999.

SOJA, Edward. **Postmodern Geographies:** the reassertion of space in critical social theory. London/New York: Verso, 1989.

_____. **Thirdspace:** journey to Los Angeles and other real-and-imagined places. Oxford: Blackwell, 1996.

_____. **Postmetropolis:** critical studies of cities and regions. Oxford: Blackwell, 2000.

STANEK, Lukasz. The Instrumental Use of Representations of Space in the Practices of Production of Space in a Post-communist City. In: HEALY, Patrick; BRUYNS, Gerhard (orgs.). **De-/signing the Urban:** technogenesis and the urban image. Rotterdam: 010 Publishers, 2006, pp. 284-301.

WERLEN, Benno. **Society, Action and Space –** an alternative human geography. London: Routledge, 1993.